

Clarices

Ontem vi Clarice. Estava toda vestida de preto. Estava com os olhos inchados de tanto chorar. Estava com o cabelo preso. Estava... estava destroçada. Quem é Clarice? Bom, Clarice é o amor da minha vida e minha vizinha também. Mas ela ainda não sabe. Não que é minha vizinha, isso ela sabe bem. O que não sabe é do meu amor por ela. E nunca vai saber. Como ela poderia? Eu sou do tipo que acredita na máxima de que aqueles que menos se expressam são os que mais sentem. Mas, por um momento, um única vez, eu quis ser diferente. Assim, poderia ter dito muito mais do que: Sinto muito, seu pai morreu e... sinto muito. Que horror! Já viu um cumprimento de condolências pior? Era óbvio que o pai morreria. Ela não precisava de uma confirmação de minha parte.

Seu pai, mais uma das vítimas da pandemia, era um homem, como dizem por aí, gente fina por demais, um ser iluminado. E eu, um tonto, incapaz de dizer a sua filha o que profundamente desejava. E olha que eu tinha ensaiado em minha cabeça, desenhado bonitinho. Usaria as mais doces e sutis palavras para falar sobre sua perda e, provavelmente, escolheria uma metáfora, ela ama metáforas. Ia dizer que quando as estrelas morrem, um lindo evento ocorre no céu, a Supernova. Um dos mais espetaculares fenômenos do universo, mas que nós dificilmente conseguimos vê-lo, já que as estrelas encontram-se a anos-luz de distância. Ela perguntaria: mas o que isso tem a ver com a morte do meu pai? E eu, é claro, teria a resposta. Associaria que quando perdemos uma estrela em nossas vidas, no começo é uma explosão sem tamanho. Libera faíscas para todos os lados, chamusca tudo. Sai pelos ares. Cai na imensidão. Junta-se ao vazio. Fica vazio. Ah! E como sabemos o tamanho do espaço que o vazio ocupa! Mas, com o tempo, não necessariamente anos-luz depois, entendemos que essas estrelas deixaram os rastros de luz mais raros e singulares no nosso universo particular, brilhando eternamente. Tudo muito lindo, né? Eu acho, ficaria de queixo caído se alguém me consolasse assim. Ela choraria, eu estaria lá. Ela agradeceria pelas belas e tocantes palavras, e eu, como bom mineiro que sou, soltaria: imagina, Clarice, não foi nada. Mas toda essa cena? Parte dos meus devaneios. Nada saiu dessa maldita boca quando a encontrei.

Depois do episódio, passei o dia inteiro com o coração pesado. Com eu podia ser tão frio? Eu simplesmente não conseguia ser verdadeiro o suficiente? É, era isso. Menti para mim mesmo que estava conformado e segui com o meu dia. Antes de dormir, peguei o livro de Clarice. Não, não a vizinha, a Lispector. Assim que comecei a ler, já não conseguia tirar Clarice da cabeça. Bem... nesse caso, as duas Clarices. Pois bem, além de todo meu desespero de ser um fracasso como consolador, Lispector acabou por fincar uma faca em meu coração. “Não se guarda as palavras, ou você as fala, ou as escreve, ou elas te sufocam”. Pensei: ah, não. Que perseguição é essa, Clarice? Tá de brincadeira? E não, claro que não estava. Tive de reconhecer. E como sufocava! Sufocava tanto, que eu não sabia se aquela noite fazia um calor infernal por conta do aquecimento global, ou se era porque minhas palavras queimavam por dentro, subindo do meu estômago cheio de borboletas, vermes e magma até a minha garganta lacrada.

Resolvi tirar o lacre... da caneta nova que tinha comprado. Seria através da escrita que minha metáfora envolvendo Supernovas ganharia força. O escambau com “aquele que menos demonstra é o que mais sente!”. Quem sente, meu caro, demonstra, sim! Pus-me a despejar tudo o que sempre quis contar à Clarice. A vizinha, como já deve ter imaginado...